

QUARUP: LIBERDADE ERÓTICA COMO RESPOSTA POLÍTICA

LUÍSA CHAVES DE MELO

O final da década de 50 e o início da década de 60 do século XX trouxeram novos padrões de comportamento. O mundo ocidental presenciou o surgimento do movimento hippie, assistiu à rebeldia juvenil, ouviu bandas rock'n roll, viu feministas queimarem sutiãs em praças públicas e experimentou ácido lisérgico. A expectativa da Era de Aquário¹ deu força para a contracultura, a revolução sexual e os protestos contra a guerra fria – cuja palavra de ordem era “faça amor, não faça guerra”.

Para espanto da tradicional família católica, passa a ser apregoada a prática do sexo livre, sem culpas, compromisso ou parceiro fixo. O comportamento desviante e a defesa da liberdade sexual ganham conotações políticas, assumindo um caráter de resistência ao sistema político estabelecido, o capitalismo industrial. O alemão Herbet Marcuse (1898-1979) ganhou notoriedade e influenciou toda uma geração (GASPARI, 2002, p. 214) ao publicar, em 1955, *Eros e Civilização*, segundo o qual seria possível fazer surgir uma sociedade não reprimida, satisfeita libidinalmente.

Quarup, de Antonio Callado, é produto dessa época. A ficção posiciona-se perante as inquietações de sua geração e desenha um projeto alternativo de sociedade, afirmando que o erotismo pode assumir um sentido político de contestação; o desenvolvimento do enredo revela afinidade com as idéias de Marcuse, em *Eros e Civilização*. O presente artigo irá verificar de que maneira o projeto político revolucionário de liberação sexual se realiza no romance de Callado. Não se trata, portanto, de discutir o modo como se constrói o romance e aspectos mais

¹ Segundo a Astrologia, o final do 2º milênio encerra a Era de Peixes e dá início à Era de Aquário. A nova era seria marcada por uma maior liberdade, mais misticismo e busca por conhecimento cósmico. Seria também um período de mais amor, que traria o fim das guerras. Alguns astrólogos afirmam que, antes da chegada definitiva do período regido pela constelação de Aquário, haveria hecatombes, conflitos e desastres, causando a morte de quem não estaria preparado para viver os novos tempos.

amplos da obra, como o fato de ela ser um esforço de interpretação do Brasil através da ficção². Pretende-se, apenas, relacionar as idéias de Marcuse à trajetória sexual do protagonista.

No romance, a resistência ao novo modelo não virá apenas de quem preza a moralidade cristã, mas, também, de setores cujo objetivo é a transformação social. Não cabe, aqui, discutir se o autor inspirou-se, ou não, nas idéias do teórico alemão; importa perceber como a ficção dá lugar à utopia imaginada, perpetuando os anseios de uma época.

O livro de Marcuse defende a possibilidade do surgimento de uma nova sociedade, não repressiva, na qual Eros e trabalho se harmonizassem. A pulsão sexual levaria às atividades produtivas, ligando indivíduos libidinalmente satisfeitos numa sublimação³ na qual a pulsão não perderia o caráter de libido. Isso seria possível pois os órgãos genitais deixariam de ser considerados fonte exclusiva do prazer, depois de ser levado a cabo um processo de sexualização de todo o corpo.

Marcuse questiona um dos pilares da teoria freudiana: para ele a repressão não seria a origem de toda e qualquer sociedade, mas resultado de uma organização histórica específica – a Civilização Ocidental. Se Freud acreditava que a passagem do estado animal para o humano estaria na repressão ao desejo de satisfação plena da libido, ou seja, a vitória do princípio de realidade sobre o princípio do prazer, Marcuse argumenta que esse modelo parte do pressuposto da escassez permanente, o que é discutível para ele. A falha da teoria freudiana decorreria de uma confusão entre processos históricos e naturais. Segundo Marcuse, a escassez seria resultado de uma organização social específica, por isso, no seu entender, o princípio de realidade pode variar de acordo com a sociedade. No Ocidente, viver-se-ia sob um princípio de realidade repressivo – baseado na posse privada dos bens – no qual predominaria o desempenho. Assim, com a supressão da mais-repressão (restrições instituídas pela dominação social), seria possível reconciliar os princípios de prazer e realidade.

Uma das conseqüências da sujeição do princípio do prazer ao princípio da realidade é a conversão do homem em objeto de trabalho – ele

² Para isso, ver SANTOS, Francisco Venceslau dos. *Callado no lugar das idéias: Quarup, um romance de tese*. Rio de Janeiro: Caetés, 1999.

³ Para Freud, a sublimação permite que a energia libidinosa seja desviada de seu objeto primário e aplicada em outras tarefas, como a produção artística, por exemplo.

passa a ser apenas parte de uma engrenagem social –, logo, a Eros também caberá a eficiência, ou seja, a função procriadora. A “Grande Recusa” a esse sistema ocorre quando o indivíduo torna-se incapaz de separar-se do objeto de desejo libidinal, exemplificado no mito da morte de Orfeu.

Para Marcuse, a arte é o lugar dessa recusa, tornando-se denúncia do princípio de desempenho, o princípio de realidade específico da Civilização Ocidental. Fora da arte (e muitas vezes também em suas obras), a moral cristã teria ganho espaço sobre a “Grande Recusa”, transformando a gratificação libidinal em concupiscência, algo a ser combatido. A consciência do desejo, decorrente de instintos não reprimidos, transformar-se-ia em culpa contra Deus (MARCUSE, 1968, p. 115).

Quarup dá resposta muito particular ao fenômeno da culpa, ou seja, ao conflito, que se estabelece no indivíduo, entre respeitar a moral cristã e seguir o chamamento erótico. O desenrolar do enredo apresenta uma proposta de liberação sexual contrária às características monogâmicas da sexualidade cristã e à sua conseqüente institucionalização na família, sem, contudo, anular a tradição católica. O protagonista, padre Nando, encontra uma forma muito particular de harmonizar sua fé em Deus e sua defesa pública da liberdade sexual.

Nando é o “menino prodígio” do mosteiro em que vive. Sua ambição, estimulada por Dom Anselmo, responsável pela Ordem à qual está ligado, é criar uma república cristã socialista no Xingu, a exemplo do que acredita ter sido as missões jesuíticas no Sul do país. Apesar de celibatário, nutre uma paixão secreta (e platônica) por Francisca, a noiva de um jovem militante socialista, Levindo.

No início da narrativa, o protagonista é um rapaz pusilânime, perdido em discussões intelectualizadas sobre o certo e o errado. Apesar dos ultimatos de Dom Anselmo, não consegue partir para sua missão. Nem sempre atento ao próximo – na abertura do romance Levindo precisa lembrar que estava sangrando para receber atendimento do jovem padre, mais preocupado em descobrir como ele entrara no claustro –, sua grande preocupação é preservar uma imagem impoluta.

O amadurecimento sexual do padre acompanha o descentramento de sua personalidade, a maior atenção sobre o outro e o engajamento político e social. É sobre este último aspecto que irei me deter.

O percurso erótico do personagem pode ser dividido em cinco etapas: a) o medo de não resistir ao apelo erótico e desrespeitar o celibato, b) a entrega afoita ao sexo, apesar de manter a batina, c) a plenitude erótica, d) o uso do sexo como instrumento de transformação social e política, e) a erotização do mundo.

No primeiro movimento, Nando é um jovem virgem e celibatário, apaixonado por Francisca, uma bela estudante de artes plásticas com livre acesso ao mosteiro. Seu amor romântico o leva a idealizar a moça, a quem considera um anjo, uma musa inspiradora de poetas, imagem da virtude, invulnerável ao mundo cruel (CALLADO, 1967, p. 9).

O sentimento do padre corresponde ao que a Igreja Católica entende como amor cristão entre homens e mulheres. João Paulo II explica, na *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*, que há duas maneiras de o ser humano realizar a vocação do amor. A primeira é o matrimônio e a segunda a virgindade. A aliança de amor entre um homem e uma mulher ligados pelo matrimônio é expressão do amor de Deus por suas criaturas (JOÃO PAULO II, 1994, p. 14). O amor genuíno de um casal será também amor a Deus, por isso, baseia-se na caridade, no altruísmo, no respeito mútuo e no serviço ao outro. O documento *Sexualidade humana: verdade e significado* apresenta esse amor como um dom de si, um sentimento “que gera a comunhão entre pessoas, visto que cada um considera o bem do outro como o próprio” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 1996, p. 11).

O amor cristão é um sentimento de doação, no qual masculinidade e feminilidade complementam-se. Ele não nega a sexualidade, mas torna-a “verdadeiramente humana”, pois o matrimônio elevaria a sexualidade à santidade (Obra citada, p. 13). A intimidade física do casal torna os cônjuges uma só carne e essa comunhão é sinal, também, da comunhão espiritual. A sacralidade do intercurso sexual pode ser comprovada, no entender de João Paulo II, pela valorização da virgindade e pelo celibato dos padres: se a sexualidade não fosse valorizada pela Igreja, o sacrifício da renúncia sexual não teria sentido.

De modo algum, portanto, o sentimento platônico que Nando cultiva por Francisca é pecado. Enquanto se mantém casto, afirma o sacrifício de renúncia em nome de sua fé e do caminho de santidade⁴ escolhido.

⁴ O termo santidade, aqui, é usado no sentido dado por João Paulo II em sua exortação apostólica. Não se trata, portanto, de dizer que Nando ambicionava ser canonizado.

Contudo, como ninguém controla o inconsciente, Nando vê, em sonhos, a amada em seus braços. Acorda suando, atormentado pelas imagens do pesadelo. É o próprio personagem quem atribui às imagens sonhadas caráter negativo. O sonho é ruim porque traduz temor que persegue o padre e o impede de dar início à sua missão. Ele teme a carne fraca. Em suas fantasias sobre sua ação no Xingu, receia não resistir à nudez das índias.

Grande é a preocupação em manter o juramento de castidade a despeito da carne fraca. Enquanto não se decide a partir, padre Nando evita ficar a sós com mulheres atraentes. A única exceção é, claro, Francisca. Para estar com a amada, não mede esforços. Com ela, contudo, não corre riscos, pois o amor cristão que sente pela moça e a insegurança de não ser correspondido (ainda mais sendo ela noiva) o levam ao platonismo. Ao criar tais situações, Nando pretende, apenas, desfrutar da companhia que tanto lhe agrada, sentir um pouco do perfume da criatura que, de tão perfeita, não pertenceria a esse mundo. Desde o início do romance, portanto, o leitor conhece a intensidade de tal amor consumado na terceira fase, a da plenitude erótica.

O temor exacerbado de cometer o pecado da luxúria faz o protagonista negligenciar a atenção às outras formas de pecar. Segundo a doutrina cristã são sete os pecados capitais⁵ e não há hierarquia possível entre eles. Todos levam ao inferno, quando cometidos continuamente por uma mesma pessoa. Quem se arrepende de tê-los cometido e pede perdão, nem que seja no minuto final de sua existência, tem lugar no purgatório, onde purificar-se-á dos males e, assim, tornar-se-á digno do Reino dos Céus.

Nando recai em soberba quando tece seus planos de criar uma república socialista junto aos índios. Em sua ambição desmedida, imagina que a experiência no Xingu será tão bem sucedida que irá se alastrar pelo resto do país e, em seguida, ganhar o mundo. Enquanto preocupa-se com o pecado da carne, não percebe estar cometendo o do orgulho. Sem autocrítica, não pode se arrepender da falta perpetrada.

A letargia procrastinadora tem fim com a precipitação de uma série de acontecimentos. Francisca embarca para a Europa e na ausência

após a morte, mas que o caminho sagrado que escolheu para viver sua sexualidade foi a castidade e não o matrimônio.

⁵ Avareza, gula, inveja, ira, luxúria, preguiça e soberba.

da amada, Nando cai em febre⁶. Apesar dos cuidados recebidos no mosteiro, seu estado de saúde agrava-se a cada dia. Um casal inglês, a quem Nando muito prezava, pede permissão a Dom Anselmo para tirá-lo do convento e cuidar de sua recuperação. Leslie, o marido, era a única pessoa para quem o protagonista havia exposto o motivo de seus sucessivos adiamentos: o medo da nudez feminina. Conta para a esposa o segredo e ela, querendo ajudar o padre a seu modo, aproveita um momento de ausência do marido para entrar no quarto do hóspede, despir-se e atirar-se sobre ele. Nando perde a virgindade e o encontro sexual dos dois, narrado com muita sensualidade, dá início ao segundo movimento.

Depois de ter experimentado, sofregamente, o sexo, não há mais motivo para protelar a viagem por temer não ser capaz de resistir a uma tentação à qual já sucumbiu. Na certeza de ter pecado, Nando recupera-se e decide partir de imediato. Não parece arrependido da falta cometida, pois em sua passagem pelo Rio de Janeiro, de onde partiria para o Xingu, continua no caminho do aprendizado erótico.

Entre os índios, percebe como seu receio era infundado. As mulheres nuas não despertam a libido do padre, salvo em um único instante no qual vislumbra uma índia adolescente. Contudo, ao receber a visita das mulheres que conheceu no Rio de Janeiro, sucumbe à tentação. A explicação para o fato de se excitar apenas com mulheres ocidentalizadas não está apenas na velhice precoce das índias, em seus seios caídos, ou mesmo numa discriminação racial. A questão vai além dos atrativos físicos das possíveis parceiras.

Georges Bataille, em *O Erotismo*, afirma que a vida social se define pela interdição e pela transgressão organizada. Segundo o autor, duas interdições fundam a sociedade: a interdição à violência e a interdição à liberdade sexual. Ambas estabelecem o limite entre o estado da cultura e o estado animal, constituindo a chave da humanidade. O tabu do incesto seria apenas uma das formas dessa proibição geral que, como no caso da violência, pode ser transgredida em determinados momentos, de determinadas formas, com determinadas pessoas.

⁶ A febre de Nando alinha o protagonista com personagens do romantismo literário que se deixam morrer por terem perdido o gosto pela vida ao se verem privados da convivência com o ser amado. É o caso do amor paternal de Jean Valjean, em *Os miseráveis*, de Victor Hugo; de Lúcia, em *Lucíola*, de José de Alencar; de Carolina, da peça *As asas de um anjo*, também de Alencar; e, embora a causa da doença esteja ligada à vida mundana que teve, não deixa de ser o caso de Margarida, em *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas.

A interdição cria, portanto, sua transgressão consentida. A caça e as relações sexuais, por exemplo, transgressões de uma e outra das leis primevas, são essenciais para a sobrevivência e continuidade da espécie humana e, por isso, primitivamente, ganharam sentido religioso e eram submetidas a rituais de purificação⁷. Bataille argumenta que a guerra talvez não existisse se o assassinio não fosse proibido e, para isso, cita o exemplo de animais, que entram em disputas momentâneas em busca da sobrevivência, mas não criam batalhas.

Logo, para Bataille, o erotismo surge pela alternância entre proibição e transgressão. Sua essência está na associação entre prazer e interdição; por isso, é uma experiência propriamente humana: sem a consciência da proibição, resta apenas a sexualidade animal. Como na transgressão à violência, o erotismo é organizado, tomando formas diferentes, em culturas e tempos diversos. O casamento, segundo o autor, é uma transgressão prevista pela lei, na qual ocorre o enquadramento da sexualidade permitida, ou seja, “uma violência sancionada”, como ocorre no ritual do sacrifício religioso. Percebe-se que, mesmo nos casos previstos pela lei, a sexualidade encontra limites: um casal socialmente aceito pratica o sexo dentro de determinados padrões de conduta⁸. No entender de Bataille, a religiosidade cristã aprofunda a perturbação sensual. Ele faz coro a Baudelaire, que afirma ser a volúpia do amor a certeza de se fazer um mal (BATAILLE, 1980, p. 113).

Em sua estadia no Xingu, Nando idealiza os índios. Os outros personagens do romance, acostumados à cultura indígena, identificam uma organização social sem romantismos. Apontam o uso de ervas abortivas, crises de ciúmes e discriminação de deficientes físicos. O padre, contudo, não compartilha essa visão. Influenciado por suas leituras da época do mosteiro, os vê como criaturas além do bem e do mal, seres inocentes e imaculados. Aos olhos do protagonista, a naturalidade com que trocam carícias significa o desconhecimento da interdição. Se a volúpia está na infração à lei, a proibição de brancos manterem relações com índias na reserva não é suficiente para despertar o desejo de Nando.

⁷ Até hoje a prática do sexo é submetida a rituais de purificação. É o caso, por exemplo, do sacramento do matrimônio que torna o ato sexual sagrado, depois do juramento feito a Deus de fidelidade até o fim da vida.

⁸ Todos esperam que um casal faça sexo, mas não há expectativa de encontrá-los em pleno intercuro sexual em lugares públicos, ou mesmo na casa deles, perante convidados.

A pureza a elas atribuída e o fato de não conhecerem seu voto de celibato as faz pouco atraentes. Uma mulher branca, conhecendo a castidade dos padres, afirma a transgressão erótica em cada ato e, assim, tem mais condições de despertar a libido de Nando.

No que diz respeito ao comportamento sexual do padre, enquanto o primeiro movimento foi marcado pela virgindade e pelos “pesadelos eróticos”, a nova fase será a da entrega afoita às oportunidades. A sofreguidão tem como conseqüência a ejaculação precoce. Apesar de ainda usar a batina, a disfunção sexual é sua principal preocupação. Nos encontros furtivos, mais do que chegar ao êxtase, Nando procura aprimorar sua técnica para conseguir satisfazer uma mulher. Uma de suas amantes diz para o padre não se preocupar com o assunto, pois além de compensar seu problema sexual com uma quantidade absurda de ejaculações, quando se ama alguém, a técnica deixa de ser importante e ele seria o tipo de homem por quem as mulheres facilmente se apaixonam. Nenhum argumento, contudo, é capaz de consolar o rapaz. Depois da morte de Dom Anselmo, a quem Nando gostava como a um pai, chega a dizer que, entre o poder de voltar no tempo para impedir o assassinato do padre e o poder de conter sua ejaculação, preferia resolver a disfunção. Para justificar-se, questiona a necessidade de “pecar muito, tenazmente” para derrotar a tentação (CALLADO, obra citada, p. 127). A desculpa não é suficiente, contudo, para explicar o tamanho da energia despendida no aprimoramento de uma técnica interdita por dever de sacramento.

No futuro, quando fala dessa época, refere-se a ela como o período no qual tentava manter vivo o sacerdócio apesar da carne fraca. O leitor, contudo, não compartilha dessa tentativa. Não há um movimento de sua parte no sentido de contestar o celibato ao qual está preso por dever de ordenação, como ocorre com seu companheiro de mosteiro, padre Hosana.

Padre Hosana é um bom contraponto a Nando. Ao ser surpreendido por Dom Anselmo em uma de suas muitas escapadas para encontrar Deolinda, acaba por matá-lo. Após o julgamento, é obrigado a largar a batina e casa-se com a moça. O casamento faz dele um homem pacificado. Em lugar dos desejos de vingança, tantas vezes cultivados ao longo da narrativa, e da agressividade dirigida a seu superior, desponta como indivíduo de grande tranqüilidade, cuja grande esperança é o fim do ce-

libato para poder voltar a ser padre. Sua esposa é uma senhora simpática e atenciosa que, nem de longe, aparenta ter sido estopim de tamanha tragédia.

Hosana personifica a crítica do autor com relação à imposição do celibato para padres. Longe de ser um tresloucado ou um perverso sexual, o personagem é um homem perturbado pela castidade. No entanto, não quer qualquer mulher, mas aquela a quem dirige um amor tão intenso quanto o de Nando por Francisca. Um amor capaz de durar até que a morte os separe, como determina o sacramento.

A revolta contra o celibato que, em seu caso, assume aspecto trágico⁹, não encontra eco em Nando. Ao contrário, o protagonista usa a castidade como escudo para escapar de envoltimentos românticos. A vantagem de ser casto, segundo o próprio personagem, é ficar livre da obrigação de fazer demonstrações públicas de afeto. Aproveita-se dos deveres do sacramento para não responder a cartas melosas e ignorar ciúmes de amantes. Usa, portanto, suas prerrogativas sacerdotais para escapar à responsabilidade sobre seus atos.

A passagem entre a segunda e a terceira fase não é feita diretamente, como ocorre da primeira para a segunda. Vários acontecimentos têm lugar, entre eles o rompimento de Nando com o sacerdócio. No entanto, para o caminho aqui desenvolvido, importa saber que o protagonista reencontra Francisca numa expedição ao Centro Geográfico do Brasil, no Xingu. Pela primeira vez, não há impedimento de nenhuma ordem, pois Nando não é mais padre e Levindo está morto.

A presença de Francisca e o fato de os dois estarem livres para o envolvimento amoroso faz o personagem experimentar um novo temor: a proximidade da mulher venerada tantos anos em silêncio. Pensa, então, ser a presença da amada mais alarmante do que sua ausência. O ex-padre não consegue agir com naturalidade, preocupa-se com seu juízo sobre ele, sente ciúmes dos outros homens da expedição e cada vez que um deles chega perto dela, puxa conversa com o rival para impedi-lo de falar com a moça. No entanto, seu medo atual é tão paralisante quanto o do início do romance, quando temia defrontar-se com a nudez das índias. Não consegue se aproximar ou estabelecer contato com a moça. O

⁹ O adjetivo é empregado aqui no seu sentido clássico. O herói trágico, Hosana, ultrapassa sua medida e desencadeia um caminho sem volta.

pânico, agora, é não conseguir amar fisicamente Francisca “à altura do que amava no espírito” (CALLADO, obra citada, p. 233).

A terceira fase, da plenitude erótica, será do erotismo dos corações, segundo a categorização de Bataille. De acordo com o autor francês, o erotismo atribui uma busca psicológica à experiência sexual, afastando-a de sua finalidade exclusivamente reprodutiva. A busca psicológica do erotismo é a tentativa de resgatar, durante nossa existência terrena, o uno primordial, anterior à vida, ao qual só voltaremos após a morte. Enquanto vivemos, somos seres distintos uns dos outros, mas ao mesmo tempo que desejamos manter a descontinuidade do mundo da matéria – até porque quando cessa a descontinuidade, cessa a forma conhecida de vida – guardamos, paradoxalmente, uma nostalgia da continuidade anterior. No instante do gozo, para Bataille, é possível experimentar a continuidade perdida.

Pode-se perceber materialmente a continuidade inicial, ao observar os mecanismos reprodutivos. Na reprodução assexuada, um ser divide-se em dois, por meio da pletora. No momento da divisão celular, há um instante de continuidade, no qual o ser ainda é ele, mas, também, já é dois outros que não ele próprio. Para Bataille, apesar de sua maior complexidade, o mesmo mecanismo ocorre na reprodução sexuada. A pletora condiciona a divisão, mesmo quando não há finalidade reprodutiva no ato. Quando ocorre a fecundação, o novo ser é descontínuo e, ao mesmo tempo, a fusão de dois outros. Somos, portanto, “seres descontínuos, indivíduos que isoladamente morrem uma aventura ininteligível, mas que têm a nostalgia da continuidade perdida” (BATAILLE, obra citada, p. 16).

A tentativa erótica de reencontrar, mesmo que por instantes, o uno primordial assume três diferentes formas. A primeira é o erotismo dos corpos, na qual a cópula permite o resgate da continuidade através do orgasmo. A segunda é o erotismo sagrado, cuja procura pela continuidade tem um sentido místico, fora do mundo da matéria. O sacrifício religioso ritualizaria a violência, numa transgressão organizada à interdição fundadora da sociedade, para buscar a unidade perdida (BATAILLE, obra citada, p. 18) da mesma maneira que, primitivamente, nas sociedades matriarcais, o sexo era sagrado e rituais de sexo grupal significavam a presença da Grande Deusa no mundo (ROBERTS, 1998, p. 20). A terceira forma de erotismo é a dos corações, o “egoísmo a dois”, no qual

parece que só o ser amado consegue restabelecer a continuidade perdida e, por isso, vivem um para o outro sem darem atenção para os outros estímulos eróticos.

Nando experimenta as três formas de resgatar o uno primordial. Com o erotismo dos corações, contudo, encontra a plenitude. Quando, finalmente, consuma a relação com Francisca, a sincronia sexual é incomparável e a paixão violenta. Apesar de seus temores, Nando consegue a comunhão perfeita entre a manifestação física de seu amor e a intensidade espiritual de um sentimento cultivado há tantos anos¹⁰. O ideal realiza-se pragmaticamente no romance romântico dos dois.

O casamento seria o resultado natural de tamanha paixão. No entanto, apesar de morto, Levindo continua sendo um obstáculo, pois, por um lado, Francisca acredita que se não for fiel à memória do noivo, a luta política do rapaz e sua morte, teriam sido em vão; por outro, sente culpa por ter desejado Nando enquanto o outro ainda estava vivo: “Antigamente eu me considerava má porque amava meu noivo, porque você era padre e ver você me perturbava. Agora eu sinto uma certeza que me horroriza. Mesmo que eu tivesse me casado com ele eu ia ser sua. [...] Eu me sinto totalmente traidora.” (CALLADO, obra citada, p. 273)

Assim, o romance, mantido em segredo durante a expedição, também não pode ser vivido inteiramente após a volta. A culpa impede a felicidade do casal, culpa que não está associada ao descumprimento dos preceitos da moral judaico-cristã, como costuma ocorrer na Civilização Ocidental, e sim ao respeito à memória do noivo morto. A necessidade de dar um sentido à morte prematura de Levindo é o outro deus de Francisca. A substituição de Deus pela memória de um ser imperfeito tem como resultado direto o esvaziamento e a banalização do conflito entre erotismo e moral cristã. A situação esdrúxula protagonizada por Francisca leva ao questionamento sobre a validade de negar a satisfação erótica por causa de algo impalpável e imaterial.

A plenitude do erotismo dos corações vivida por Nando durante os dias que teve Francisca em seus braços é, contudo, suficiente para o ex-padre levar adiante o quarto movimento.

¹⁰ A intensidade da conjunção carnal assusta Francisca que pensa se tratar de um amor passageiro, pois tormentas não duram. Nando, para defender seu amor, recorre a outra metáfora, lembrando que cachoeiras não acabam.

Enquanto Nando está preso, por ter participado de uma manifestação das Ligas Camponesas, Francisca foge para a Europa, devido à situação política e ao seu comprometimento com o movimento de resistência ao regime. Num primeiro momento, a necessidade de buscar a continuidade perdida com a mulher amada é mais forte e Nando quer, a todo custo, conseguir um passaporte para ir a seu encontro. Entretanto, as dificuldades de deixar o país são cada vez maiores e o ex-padre, no compasso da espera, acaba por criar a academia do amor, que, segundo suas palavras, distribuem um pouco do amor recebido por ele.

Nessa etapa, o erotismo ganha, de longe, da moral cristã, tanto porque o personagem prega o poder de transformação social da sexualidade satisfeita, como pela semelhança entre a sua trajetória na academia e passagens da vida de Jesus Cristo.

De acordo com o próprio personagem, Nando inicia um apostolado, ao fundar a academia, após ter salvo do suicídio uma mulher feia e solitária, que só precisava sentir-se amada. A moça é a primeira de uma série, com quem o protagonista mantém relações sexuais para ajudá-las a aprender a valorizar a vida. Com a descoberta da força revolucionária do ensino erótico, dissemina pelo mundo a boa nova: sua doutrina do amor. Espalha afeto e compreensão por onde passa; em público aparenta sempre tranqüilidade, apesar de sofrer dilemas pessoais. É traído, e sabe que assim o seria, durante a última ceia (um jantar organizado em memória de Levindo, nos moldes do Quarup¹¹), por alguém próximo, que recebeu seu amor e estava presente na celebração. Sofre o calvário da cruz ao ser espancado quase até a morte por ordem de um homem poderoso do local, prejudicado pela doutrina do amor e de liberdade sexual defendida por Nando. É possível, por fim, recorrer à imagem da ressurreição ao terceiro dia quando o protagonista, finalmente, consegue sair do estado de inconsciência, que o deixa entre a vida e a morte, e dar início à sua recuperação.

Nesse período, Nando concilia erotismo e moral cristã, disseminando idéias muito particulares acerca de Deus-Pai, cuja imagem tradi-

¹¹ Quarup é o ritual para celebração dos mortos praticado no Xingu. A cada ano uma tribo fica encarregada de organizar a cerimônia, que dura toda a noite. Anfitriões e convidados dançam, tocam músicas, fazem oferendas e participam das rezas puxadas pelo pajé. Na ocasião, comem-se peixes preparados, às vésperas da festividade, pela tribo anfitriã. Portanto, apesar de ser uma festa profana, ao recorrer ao modelo do Quarup, padre Nando quer dar à homenagem a Levindo caráter sagrado.

cional, no seu entender, está desatualizada. Segundo o ex-padre “neste mistério que é o homem a presença divina só admite a violência do amor” (CALLADO, obra citada, p. 352) e “o amor não é pecado nunca” (Obra citada, p. 405).

É a partir dessa premissa que, em sua academia, ama as mulheres e ensina os homens a amá-las, pois, afinal, segundo mostra sua história pessoal, “tregar direito é prática” (Obra citada, p. 401). Nando empenha-se em oferecer um amor de pura doação e caridade às mulheres tristes, nas quais o ex-padre se especializou. É com a sua academia que chega mais próximo de realizar o seu projeto da república socialista.

Nessa época, alimenta-se de sua pesca e vive apenas com o indispensável, até porque não tem recursos para esbanjar e o trabalho é reduzido ao mínimo, como propunha Marcuse, para sobrar mais tempo para o prazer. “A casa de Nando será de todos e o trabalho será suficiente para a subsistência e para a dedicação do maior tempo possível ao amor” (FIGUEIREDO, 1979, p. 39). A renda acumulada que Nando redistribui é o amor de Francisca e, como se trata de uma forma de resistência ao sistema dominante, não permite o estabelecimento de nenhuma relação de posse no plano afetivo-sexual. Sua concepção de amor é a do amor livre, cujo compromisso é apenas com a busca da felicidade, só encontrada pela libertação pessoal.

Nando acredita na academia do amor como uma força política revolucionária, apesar de seus antigos companheiros de Liga Camponesa não compreenderem sua postura. Para ele, o maior problema político nacional é o fato de os governantes gozarem rápido demais, a tão conhecida ejaculação precoce. Em conversa com uma prostituta, explica a importância do trabalho da moça na construção de um novo país:

Eu não aconselho você a mudar de vida – disse Nando. E você pode tornar essa vida tão útil como qualquer outra, obrigando os homens a gozar com vocês, a esperar por vocês. Ensinem aos meninos um amor fundo e sem pressa. O Brasil faz planos de governo de cinco anos que duram cinco meses e planos de três anos que duram três dias. Presidentes eleitos por cinco anos possuem a pátria em sete meses, abotoam a braguiilha e vão embora. E há presidentes que duram dois dias (CALLADO, obra citada, p. 442).

Com a afirmação pouco ortodoxa, Nando defende que a conduta sexual de determinada pessoa tem relação direta com sua atuação no mundo. Endossa, assim, o conceito de *dispositivo da sexualidade*, apontado por Michel Foucault, na trilogia *História da Sexualidade*. O primeiro dos três livros tenta determinar o desenvolvimento do dispositivo, ou seja, como e por que a sexualidade tornou-se o lugar da verdade mais íntima de alguém, a expressão da essência de sua personalidade. Pelo dispositivo, o indivíduo passa a se reconhecer como sujeito de um desejo anterior e superior a ele.

Segundo o historiador francês, o início do desenvolvimento do *dispositivo da sexualidade* se daria no século 18 substituindo o antigo, de aliança. A lógica da aliança é a do sangue-azul e é ela que sustenta a sociedade aristocrática. É, pois, para garantir a ordem burguesa, que surge o novo dispositivo. Nele, o sangue-azul é substituído pela sexualidade sadia e a perseguição às chamadas perversões baseia-se na premissa de os comportamentos sexuais desviantes causarem uma descendência pouco saudável, com incidência de doenças como raquitismo.

A afirmação do dispositivo por Nando é dupla, pois, de acordo com o raciocínio de Foucault, o discurso contra a repressão sexual constitui o dispositivo ao aceitar o princípio do indivíduo como sujeito de um desejo. Essa seria a ironia do dispositivo: nos fazer crer na liberalidade sexual como libertação da sexualidade. No seu entender, a única forma de escapar seria a criação uma nova tecnologia de corpo-prazer, fora do esquema sexo-desejo. Seria preciso, portanto, encontrar outros meios de satisfação da libido.

A erotização do mundo, última etapa do amadurecimento pessoal e sexual de Nando, escapará ao dispositivo, por transferir a libido dirigida a Francisca, mesmo à distância, para o empenho na construção de um novo país. O quinto movimento começa após o malogro do projeto revolucionário de Nando de transformar a sociedade pelo aprendizado do amor carnal. Seus companheiros de esquerda não entendem sua ação política e acham que ele está fugindo da causa. Para esfriar os ânimos exaltados, Nando resolve fazer um jantar em homenagem a Levindo, seguindo o modelo da cerimônia do Quarup, da qual participou quando esteve no Xingu. O Sargento Xixe-xique, rejeitado por uma prostituta local por causa das idéias erótico-revolucionárias de Nando (a moça não tolerava o cliente constante e, apoiada pelo ex-padre, decide não se

vender mais para o poderoso), encontra no jantar a desculpa perfeita para dar o troco ao protagonista. A atitude do sargento indica que, apesar do isolamento de Nando na sua tarefa doutrinária, a academia não só ameaça a ordem estabelecida como obtém resultados práticos no projeto revolucionário.

Contudo, a surra e a depredação da casa tornam Nando um homem procurado, obrigando-o a deixar Pernambuco. Depois de se recuperar e ficar pronto para partir, tem duas opções: ir ao encontro de Francisca ou seguir seus companheiros na clandestinidade e participar da luta contra o governo militar.

O romance foi escrito na época em que o dilema de Nando era, também, o de milhares de brasileiros, militantes de esquerda. Tanto na conjuntura nacional, como no romance, o regime militar de exceção vai enrijecendo-se, assumindo feições ditatoriais, demonstrando que não seria tão temporário como o presidente Castelo Branco apregoava. Aos militantes de esquerda restará apenas a alternativa: entrar para a clandestinidade ou deixar o país.

Nando resolve o impasse quando percebe que estaria se afastando de Francisca se deixasse o país para encontrar a amada. Francisca é figura da utopia pela qual Nando luta. Vera Follain Figueiredo, em *Quarup: Ruína e Utopia*, associa a moça à imagem de Terra-Mãe, de pátria, uma identificação recorrente, segundo ela, na obra de Callado. A “simbologia – mulher, terra, sexo-fecundação – dilui as fronteiras entre vida particular e trabalho político, no universo da obra” (FIGUEIREDO, obra citada, p. 43). Assim, “Francisca é exigência de participação, é cobrança, é denúncia de responsabilidade” (idem). Para a autora, portanto, o mito da mulher como deusa telúrica determina o desenlace do romance.

Portanto, embora a moça tivesse pedido para Nando ir a seu encontro, ele conclui que, se começasse a vida a dois longe do Brasil, sem saber como ficaria a terra que tanto defenderam, sem ter notícias dos amigos de luta e se omitindo da resistência, estaria perdendo Francisca. A sacralidade de seu amor não resistiria a uma vida frívola, apática, sem engajamento na causa comum, na expectativa de tempos melhores para voltarem à pátria. Então, ele entende “que Francisca é apenas o centro de Francisca” (CALADO, obra citada, p. 495), ou seja, o ambiente a seu redor, a vegetação, os rios, as flores, o sol, as pessoas, tudo era a imagem

de sua amada. A moça converte-se, portanto, no ideal de um mundo melhor a ser construído. Abandonar a causa seria como largá-la no altar.

A decisão final de permanecer no Brasil e aderir à guerrilha não significa, portanto, a sublimação ou desistência de seu amor e da busca pela satisfação erótica, do erotismo dos corações, mas sim a sua afirmação em outro plano. A continuidade perdida será procurada no projeto de um novo mundo. Vestido de cangaceiro, adotando o nome Levindo para os tempos de clandestinidade, cavalga com o amigo Manuel Tropeiro em direção ao sonho:

Andavam agora num meio galope, Nando relembrando coisas da vida inteira [...]. Estava descontínuo, leve, vivendo de minuto a minuto. Só tinha como sensação de continuidade o fio de ouro de Francisca, assim mesmo porque era um fio fiado com astúcia na trama do mundo a vir. (CALLADO, obra citada, p. 495)

Ao se engajar na luta armada, Nando completa sua metamorfose: de padre pusilânime torna-se um homem revolucionário. Um dos motores desse processo é a experiência erótica, e o ponto final, a erotização do mundo. Responde, portanto, ao projeto de Marcuse de eliminar a mais-repressão e substituir o princípio de desempenho – predominante nas sociedades capitalistas – por um novo princípio de realidade. Em uma sociedade não reprimida, o corpo deveria ser ressexualizado. Ou seja, todo o corpo seria fonte de prazer, fazendo surgir novas zonas erógenas e acabando com a soberania dos órgãos genitais como fonte única de satisfação. O reaparecimento de uma sexualidade polimórfica primária transformaria a libido e levaria à conseqüente transmutação da sexualidade em Eros. Nessa nova ordem, o trabalho social útil – como a luta pela derrubada do regime militar de exceção – seria a realização de uma necessidade individual. Portanto, a erotização de todo o corpo, assim como a erotização do mundo em *Quarup*, faria o trabalho ser gratificador sem, contudo, perder suas características de trabalho.

O romance cumpre ficcionalmente o projeto de Marcuse. Produto de uma época, escrito para resistir ao regime de exceção¹², questionando

¹² Ana Arruda Callado em conversa telefônica de 30/01/2003 contou que, em 1965, o escritor foi preso por ter participado de uma manifestação na frente do Hotel Glória onde se reunia a Organização Panamericana. O objetivo da manifestação era, justamente, denunciar a ditadura brasileira que se mascarava em governo democrático. Após ser posto em liberdade, pediu licença do jornal O Globo, onde trabalhava, para escrever o romance.

o papel do intelectual numa sociedade na qual se requer a ação sobre o mundo (FIGUEIREDO, obra citada, p. 50), *Quarup* inspirou estudantes de esquerda, que buscavam encontrar, como Nando, o novo homem (GASPARI, 2002, p. 351). Vera Figueiredo atribui ao livro o compromisso de construir uma nação livre, assumido também por diferentes autores ao longo da história da literatura brasileira. A autora usa o conceito de utopia e ruína de Walter Benjamin. Ruína como documento que registra o tempo já iniciado e utopia como potencialidade ainda não efetuada da História.

Quarup realiza uma utopia que, hoje, é página virada. Num mundo em que o esgotamento dos recursos naturais é ameaça constante, a escassez poderia até ser um pouco menor numa organização social que não se baseasse na propriedade privada, mas continuaria presente; a principal crítica de Marcuse à teoria de Freud perde o sentido. Por outro lado, a revolução comportamental foi incorporada pela sociedade de consumo e o paroxismo da liberação sexual e da sexualidade polimórfica nascente fez surgir uma sociedade hedonista, de relações passageiras, nas quais impera um narcisismo defensivo, segundo diagnóstico de Jurandir Freire Costa, no artigo “Geração AI-5: violência e narcisismo”.

O alemão Herbet Marcuse (1898-1979) ganhou notoriedade e influenciou toda uma geração (GASPARI, obra citada, p. 214) ao publicar, em 1955, *Eros e Civilização*, segundo o qual seria possível fazer surgir uma sociedade não reprimida, satisfeita libidinalmente.

Apesar de apresentar o projeto ultrapassado, defendido por Herbert Marcuse, no qual a liberação sexual ganha força de transformação política e construção de uma nova sociedade, *Quarup* não é um romance datado. A obra de ficção realiza a utopia pois, mesmo quando ambientada em determinada época, trata-se de narrativa sem lugar e sem tempo. Por não ter uma finalidade pragmática¹³, por não buscar um objetivo imediato, o texto ficcional não tem função reduplicadora do real. Quando se executa um ato de fingir que tenha finalidade pragmática – como, por exemplo, afirmar que já tem a assinatura de certa revista para livrar-se de um vendedor –, se não houver a reduplicação do real, se o vendedor

¹³ Não se deve confundir finalidade pragmática – como, por exemplo, arrumar um emprego, conseguir um desconto, escapar a um compromisso etc – com o papel assumido pela literatura brasileira de formar a identidade nacional ou colaborar na construção de um país livre.

não acreditar na palavra de quem tenta escapar da compra, o discurso é frustrado. Na ficção, os elementos de realidade ali expostos, como o suicídio de Getúlio ou a deposição de Miguel Arraes em *Quarup*, não buscam confirmação no plano real, do dia-a-dia do leitor; a referência está no próprio texto e não na realidade. Daí, o romance preservar a utopia que já não encontra espaço na sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. *O erotismo: o proibido e a transgressão*. 2. ed. Lisboa: Moraes editora, 1980.
- CALLADO, Antonio. *Quarup*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Sexualidade Humana: verdade e significado*. São Paulo: Loyola, 1996.
- COSTA, Jurandir Freire. "Geração AI-5: violência e narcisismo". In *Violência e psicanálise*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de. *Quarup: ruína e utopia*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1977.
- GASPARI, Elio. *A dívida envergonhada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ISER, Wolfgang. *O Fictício e o Imaginário: Perspectivas de uma Antropologia Literária*. Tradução Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.
- JOÃO PAULO II. *Exortação apostólica Familiaris consortio*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma crítica filosófica ao pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- ROBERTS, Nickie. *A prostituta na história*. São Paulo: Rosa dos Ventos, 1998.